

A liberdade cética de Michel Foucault

Daniel Luis Cidade Gonçalves¹
(UFSC – Florianópolis – SC – Brasil)
daniel_cidade@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Selvino José Assmann

Resumo: Segundo autores como John Rajchman e Paul Veyne, Foucault pode ser definido como cético. Talvez um dos maiores de nosso tempo. Esta definição lhe é justa, uma vez que o filósofo francês abandona completamente o mito humanista de uma essência humana e escreve para combater dogmatismos e antropologismos. Meu intuito neste artigo é mostrar que o conceito de liberdade em Foucault se apoia muito mais neste ceticismo do que na ideia de que, por sermos sujeitos constituídos historicamente, nossa liberdade é restrita e limitada. Não se trata de negar a constituição histórica do sujeito, mas, partindo dela, mostrar como a liberdade, justamente por não ser um conceito abstrato inserido na “natureza humana” e sim uma possibilidade a ser construída, só encontra os limites que colocamos a ela. É verdade que Foucault tentou nos mostrar historicamente como nos deixamos levar por uma ampla variedade de práticas de sujeição, mas também é verdade que ele fez isso para nos alertar que as coisas não precisam ser desta maneira. Ainda, veremos aqui que a liberdade está diretamente relacionada com a ética e quais as implicações disto.

Palavras-chave: Liberdade; Ceticismo; Ética.

1. Considerações iniciais

John Rajchman define Foucault como o grande cético de nosso tempo, alegando que este ceticismo está diretamente ligado com a questão da liberdade. O ceticismo de Foucault baseia-se em dois critérios principais. O primeiro consiste no fato do autor negar o mito humanista de uma essência do homem. Não existe natureza humana. Conhecer o homem é compreender suas relações com outros homens e com o mundo em que ele vive. Não se trata de descobrir verdades intrínsecas inscritas em sua natureza. O segundo critério, baseia-se no fato de Foucault também negar a existência de verdades universais. Não se trata, de modo algum, de descobrir uma verdade pré-existente no mundo. Para Foucault, toda verdade é histórica; produto da relação entre o homem e o mundo; resultado das práticas discursivas e das relações de poder de um determinado contexto. Em linhas gerais, trata-se de negar aquilo que Rorty chama de verdade como *correspondência*, ou ainda, negar a concepção realista de verdade. Para Foucault, as verdades que se pretendem universais possuem fatos e efeitos de dominação, frequentemente se transformando em dogmas. A liberdade insere-se neste contexto como a possibilidade de recusar estes dogmas, nos livrando das restrições que eles produzem em nossas vidas.

A concepção de verdade em Foucault tem origem em seu ceticismo histórico e busca investigar o passado para perceber o caráter contingente de nosso presente. Isso porque a verdade é sempre uma construção humana e serve sempre a uma série de finalidades estratégicas. De fato, a

¹ Mestrando Universidade Federal de Santa Catarina.

noção foucaultiana de verdade possui uma relação direta com a concepção de saber/poder, na qual a verdade é um discurso criado em um determinado momento, obedecendo a uma determinada racionalidade, e visando estrategicamente a um determinado fim. Todavia, este discurso não é desprovido de relações e efeitos de poder, o que nos leva a dizer, com Foucault, que todo jogo de verdade segue acompanhado de relações de poder que o sustenta. Aqui, a recíproca é verdadeira, toda relação de poder é também apoiada por um discurso que a legitima. Nisto consiste a clássica relação foucaultiana entre saber e poder: “Não há relação de poder sem a constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 1987, p. 26/27).

O primeiro apontamento a ser feito é o de que, para Foucault, não existe um sujeito que poderia ser livre ou não das relações de poder. O sujeito que conhece, os objetos a serem conhecidos, assim como as diversas modalidades de conhecimento, são efeitos das relações de saber/poder e de suas transformações históricas. São estas relações que atravessam e constituem as formas e campos possíveis do conhecimento. Isso nos leva frequentemente a supor que para Foucault a liberdade seria um pequeno campo a ser inserido nos espaços vazios entre saber e poder. Sem negar a concepção de sujeito constituído pelas relações entre saber/poder, gostaria de propor que a nossa limitação da liberdade provém muito mais de uma tradição filosófica que nos leva a crer que para sermos livres precisamos entrar em contato com algum tipo de verdade sobre o nosso ser e sobre o mundo em que vivemos, do que de uma efetiva impossibilidade de nos relacionarmos livremente com o mundo e com outros seres humanos. É verdade que as relações de saber/poder resultaram em tecnologias de poder, tais como o poder pastoral e o bio poder, mas isso não implica que as relações de poder tenham que ser necessariamente envoltas mais por um caráter coercitivo do que por um anseio de liberdade.

2. Liberdade, poder e ética

A liberdade em Foucault é o elemento sem o qual nem o poder nem a ética podem existir. O poder, definido por Foucault como um modo de ação sobre ações, ocorre quando uns tentam conduzir a ação de outros e só se exerce sobre sujeitos livres enquanto livres. Aqui não se trata de negar a existência de estados de dominação, nos quais a liberdade é demasiadamente dissimétrica e insatisfatória, mas de apontar que para que exista poder é necessário que tenhamos sujeitos (individuais ou coletivos) que tenham diante de si um campo de possibilidades onde possam ter diferentes tipos de condutas, reações e comportamentos. Não há relações de poder onde não há

liberdade. A escravidão, na medida em que o homem está encadeado, é uma relação física de coerção, e não uma relação de poder. Todavia, a simples possibilidade de escapar a tornaria uma relação de poder, embora dissimétrica.

Foucault não nega existência de estados de dominação, nos quais reverter a situação é praticamente impossível. Vemos uma liberdade muito limitada, incapaz de reverter o estado de dominação que a oprime. Todavia, para Foucault não existem relações de poder que se mantenham iguais perpetuamente. Até mesmo os grandes impérios sucumbiram, e mesmo durante suas vigências, as relações de poder sempre sofreram modificações. As modificações ocorridas são frutos dessa liberdade atuando nas macro e micro relações existentes em um contexto específico. Se é verdade que um estado de dominação é forte o bastante para sujeitar indivíduos durante o período de uma vida, também é verdade que não existe estado de dominação capaz de oprimir as diversas liberdades que vão se moldando ao longo de gerações.

A liberdade abordada neste artigo é a liberdade dos seres humanos de criticar, resistir e desobedecer tudo aquilo que lhes é imposto, tudo aquilo que lhes sufoca; e construir novas situações históricas, baseadas mais em práticas de liberdade do que em práticas coercitivas; negando que estas situações coercitivas sejam necessárias, inevitáveis ou indestrutíveis.

Aqui é importante distinguirmos liberdade de libertação². Libertação é um termo do qual Foucault desconfia, embora não negue sua importância. Isso ocorre porque, por um lado, o termo libertação se refere à ideia de que é preciso libertar o homem daquilo que lhe foi imposto para que ele possa encontrar o que ele realmente é em sua essência. Neste sentido, Foucault discorda completamente do termo. Entretanto, o autor não nega a importância de movimentos políticos de libertação de povos colonizados. Sem dúvida, uma série de lutas de libertação se fazem necessárias para que esses povos possam tornar-se livres. A libertação é, em muitos momentos, a condição política para a existência de uma prática de liberdade, embora em muitos casos não seja condição suficiente.

Se tomamos o exemplo da sexualidade, é verdade que foi necessário um certo número de liberações em relação ao poder do macho, que foi preciso se liberar de uma moral opressiva relativa tanto à heterossexualidade quanto à homossexualidade, mas essa libertação não faz surgir o ser feliz e pleno de uma sexualidade na qual o sujeito tivesse atingido uma relação completa e satisfatória. A libertação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas

² Foucault utiliza a palavra francesa *libération*, que pode ser traduzida por libertação, mas também pode ser traduzida por libertação. Optei pela segunda opção, embora em muitas traduções consagradas a primeira se faça presente.

por práticas de liberdade. (FOUCAULT, 2006, p. 267).

Com isso, é possível dizer que para existirem práticas de liberdade é necessário, antes de tudo, nos libertarmos dos estados de dominação que as oprimem.

A liberdade é também entendida em Foucault como a condição necessária da ética. Nas palavras do autor: “A liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade” (FOUCAULT, 2006, p.267). Foucault entende a ética como o âmbito no qual, através de práticas de liberdade o sujeito constitui a si mesmo. A ética, neste contexto, não é entendida como um conjunto de normas a serem seguidas, mas como um *êthos*, uma prática, um modo de ser que faz referência à relação consigo mesmo. O aspecto mais importante desta prática é a liberdade, uma vez que sem liberdade não é possível constituir a si mesmo, formando-se, no máximo, sujeitos constituídos a partir de práticas sujeitadoras. De fato, Foucault alega ter analisado as relações entre o sujeito e os jogos de verdade a partir de práticas coercitivas, jogos teóricos e científicos, e que, nos cursos do Collège de France (assim como nos dois últimos volumes de História da sexualidade), transfere a análise para o que poderíamos chamar de práticas de si. Segundo Foucault, esta concepção de práticas de si, refere-se ao que poderíamos chamar de uma prática ascética. Todavia, ascetismo aqui não deve ser entendido da mesma maneira em que o termo foi popularizado pelo cristianismo, como uma moral de renúncia; e sim, como um exercício sobre si mesmo através do qual se procura atingir um novo modo de ser, transformando-se, reinventando-se.

3. Liberdade e Cuidado de si

O estudo dos gregos e romanos antigos levou Foucault a se interessar por esta visão da ética baseada no ascetismo, nas práticas de si. De acordo com o autor, a noção de “cuidado de si” constitui, no mundo greco-romano, o modo através do qual a liberdade foi pensada como ética. Para praticar adequadamente a liberdade, era necessário cuidar de si. “Não digo que a ética seja o cuidado de si, mas que, na Antiguidade, a ética como prática racional da liberdade girou em torno desse imperativo fundamental: “cuida-te de ti mesmo” (FOUCAULT, 2006, p.268).

Ao introduzir a noção de cuidado de si em sua relação com a ética e a liberdade, podemos dizer que Foucault pressupõe uma posição mais ativa frente ao poder, na qual, aquela que podemos chamar de “ética do cuidado de si”, implica na produção de práticas de liberdade.

4. Liberdade e ética da amizade

A temática da ética como sendo a liberdade que o indivíduo tem de constituir a si mesmo, e

o trabalho sobre si que ele exerce nesta constituição, relacionando-se com os diversos princípios, verdades e prescrições que ele encontra em seu meio social; leva o autor a falar de uma “ética da amizade”. Neste contexto, a amizade é definida como tudo aquilo pelo qual é possível causar prazer mútuo, e problematizado pelo autor, indo em direção à possibilidade de criar novas formas relacionais entre indivíduos, diferentes daquelas já institucionalizadas.

Desta forma, podemos compreender melhor o retorno de Foucault à Antiguidade, uma vez que encontra neste período uma experiência moral centrada na relação consigo não ligada a nenhum sistema social, jurídico ou institucional, e considera que esta é uma questão similar a que estamos vivendo atualmente:

[...] a maioria de nós já não acredita que a ética esteja fundada na religião, e nem quer um sistema legal que interfira na nossa vida moral, pessoal, privada [...]. Eles precisam de uma ética porém não podem encontrar nenhuma outra ética que não seja uma ética alicerçada no chamado conhecimento científico do recentes de liberação se ressentem do fato de que eles não podem encontrar que seja o indivíduo, o que é o inconsciente, etc... Estou interessado nesta semelhança de problemas. (FOUCAULT, 1984, p. 43/44).

A ética da amizade seria então uma ética cujo programa deve ser vazio e capaz de fornecer ferramentas para a criação de relações variáveis. Cabe a ética da amizade preparar o caminho para a criação de novas formas de vida sem prescrever alguma forma de existência específica como correta. Neste contexto, a noção de “modo de vida” torna-se importante. Para Foucault, parece desejável introduzir uma diversificação diferente daquela devida às classes sociais e níveis culturais. Uma diversificação como um modo de vida, que poderia ser compartilhado entre indivíduos de idade e status diferentes, dando lugar a relações intensas, diferentes de todas aquelas institucionalizadas. Segundo o autor, as instituições sociais contribuem para limitar o número possível de relacionamentos. Isso ocorre porque uma sociedade que permitisse o crescimento das relações possíveis seria mais difícil de administrar.

Vivemos em um mundo relacional consideravelmente empobrecido pelas instituições. A sociedade e as instituições que constituem sua ossatura limitaram a possibilidade de relações, porque um mundo relacional rico seria extremamente complicado de administrar. Devemos lutar contra esse empobrecimento do tecido relacional. (FOUCAULT, 2006b, p. 120).

5. Considerações finais

Com isso, podemos falar em uma ética do cuidado de si baseada na liberdade do indivíduo de constituir a si mesmo, e em uma ética da amizade, pautada na liberdade dos indivíduos de criarem novas formas de se relacionar.

Traçando um panorama geral do que foi dito até agora, a liberdade em Foucault consiste em quatro aspectos principais.

1. O mais importante de todos, visto que é dele que os outros três derivam, é o da liberdade cética. O pressuposto de que não existem verdades intrínsecas a serem descobertas, seja sobre uma suposta natureza humana, seja sobre “as coisas tais como elas são em si mesmas”, pressupõe a liberdade de criar nossas próprias verdades de maneira autônoma, sem que tenhamos de nos submeter ao jugo de discursos opressivos que se impõem como verdades universais, até mesmo quando suas consequências podem ser catastróficas.

2. Em segundo lugar - derivado desta concepção de verdade histórica encontrada em Foucault - temos que as relações de poder, em que uns tentam dirigir a conduta de outros, não se dá devido a alguma legitimidade intrínseca na natureza. Toda “legitimidade” de uma relação de poder provém dos seres humanos envolvidos, das verdades históricas que eles valorizam e das finalidades que desejam atingir com tais relações. Isso nos proporciona a liberdade de criticar e recusar qualquer forma de governo, ou qualquer relação de poder que consideremos desnecessária, injusta, opressiva.

3. O terceiro aspecto a ser apontado é aquele encontrado na ética do cuidado de si, que consiste na liberdade de adotarmos uma postura mais autônoma na constituição de nossas subjetividades. Embora estejamos presos a um contexto social, este contexto nunca é algo que se impõe completamente. O cuidado de si nos permite uma modificação interna e externa que pode servir como importante ferramenta de resistência ao poder e afirmação da liberdade.

4. Por último, vemos o aspecto encontrado na ética da amizade, onde possuímos a liberdade de criar novas formas de nos relacionarmos com outros indivíduos. Não estamos necessariamente sujeitados às relações institucionalizadas socialmente. A curiosidade e a criatividade podem servir de elementos fundamentais para instigar a nossa liberdade de nos relacionarmos com os outros da maneira que considerarmos melhor.

Com isso, é possível dizer que a temática da liberdade em Foucault está diretamente relacionada com seu ceticismo em relação aos jogos de verdade:

Por que nos preocupamos com a verdade, aliás, mais do que conosco?
E por que somente cuidamos de nós mesmos através da preocupação

com a verdade? Penso que tocamos aí em uma questão fundamental e que é, eu diria, a questão do Ocidente: o que fez com que toda a cultura ocidental passasse a girar em torno dessa obrigação de verdade, que assumiu várias formas diferentes? Sendo as coisas como são, nada pôde mostrar até o presente que seria possível definir uma estratégia fora dela (FOUCAULT, 2006, p.280).

Devemos assumir a noção de que a busca pela “verdade” – seja a verdade acerca do mundo ou a verdade acerca da natureza humana – está sempre em relação com os jogos de poder, e frequentemente, com estados de dominação. Através das práticas de liberdade, podemos compreender a ética como ponto de transformação de nós mesmos (ética do cuidado de si) e das nossas relações com os outros (ética da amizade).

Aqui é importante ressaltar que, para Foucault, o poder não é visto como algo ruim, embora exista o risco dele se transformar em estados de dominação. É justamente neste ponto que o problema deve ser colocado sob a perspectiva da liberdade, como podemos ver nas palavras do autor:

O poder não é o mal. O poder são jogos estratégicos. Sabe-se muito bem que o poder não é o mal! Considerem, por exemplo, as relações sexuais ou amorosas: exercer poder sobre o outro, em uma espécie de jogo estratégico aberto em que as coisas poderão se inverter, não é o mal; isso faz parte do amor, da paixão, do prazer sexual. Tomemos também alguma coisa que foi objeto de críticas frequentemente justificadas: a instituição pedagógica. Não vejo onde está o mal na prática de alguém que, em um dado jogo de verdade, sabendo mais do que um outro, lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas: o problema é de preferência saber como será possível evitar nessas práticas – nas quais o poder não pode deixar de ser exercido e não é ruim em si mesmo – os efeitos de dominação que farão com que um garoto seja submetido à autoridade arbitrária e inútil de um professor primário: um estudante, à tutela de um professor autoritário etc. Acredito que é preciso colocar esse problema em termos de regras de direito, de técnicas racionais de governo e de êthos, de prática de si e de liberdade (FOUCAULT, 2006, p.284/285).

Com isso, é possível concluir que a liberdade para Foucault não é um elemento fraco, sem grande expressividade. Até mesmo quando o autor não falava diretamente do tema ele estava presente. Qual seria a importância de uma análise arqueológica ou genealógica, senão a de nos mostrar que nossas relações de poder e nossos jogos de verdade, muitas vezes já institucionalizados em estados de dominação, são na verdade esquemas construídos historicamente dos quais podemos nos libertar? A ética do cuidado de si e a ética da amizade não seriam uma preocupação do autor em

nos dizer que possuímos liberdade para sermos quem desejamos ser, e nos relacionarmos como desejamos nos relacionar? Continua sendo verdadeiro que o sujeito, ainda assim, nasce, cresce e é constituído em contextos já estabelecidos, com relações de poder e jogos de verdade pré-concebidos, e que não existe sujeito livre disto. O que tentei mostrar aqui é que tal noção sufoca apenas a concepção de liberdade como essência, não a liberdade foucaultiana, muito mais rica, muito menos ingênua com um amplo campo em que ela pode se concretizar efetivamente. De fato, se a liberdade consiste em simplesmente concretizar uma essência pré-definida dentro de nós, é possível dizer que não somos realmente livres, uma vez que as nossas escolhas dependem de um elemento previamente dado e tido como verdadeiro. Sob esta concepção, qualquer escolha que não corresponda a tais expectativas inscritas na natureza não seria liberdade, mas uma deturpação da nossa própria natureza. Todavia, quando a liberdade consiste em uma ampla gama de escolhas a nossa frente, uma série de configurações sociais, políticas, éticas, que podem ser construídas e enriquecidas por nós, podemos dizer que, de fato, nos deparamos com algo que merece o título de liberdade. É preciso recusar antropologismos e dogmatismos. A liberdade é o conceito chave para entendermos como Foucault escreve e por que o faz; o ceticismo a ferramenta que permite ao autor tratá-la com o seu devido cuidado. Encerrando nas palavras de Foucault: “Eu acredito solidamente na liberdade humana” (1994, p. 693, tradução nossa).

Referências:

FOUCAULT, Michel. *O Dossier: Últimas entrevistas*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus editora, 1984.

_____. Sobre a genealogia da Ética: uma visão do trabalho em andamento. In: FOUCAULT, Michel. *O Dossier: últimas entrevistas*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus editora, 1984.

_____. *Dits et écrits IV*. Paris: Gallimard, 1994.

_____. *Ética, Política e Sexualidade: Ditos e escritos*. Vol. V, 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *A ética do cuidado de si como prática de liberdade*. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, Política e Sexualidade: Ditos e escritos*. Vol. V, 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 264 – 287.

_____. *Da amizade como modo de vida*. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. Vol. VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 348 – 353.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e Estética da Existência em Foucault*. São Paulo: Edições Graal Ltda, 1999.

RAJCHMAN, John. *Foucault: A liberdade da filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1987.

VEYNE, Paul. *Foucault: O pensamento a pessoa*. Lisboa. Edições Texto e Grafia, Ltda, 2009.

The skeptical liberty of Michel Foucault

Abstract: According to authors like John Rajchman and Paul Veyne, Foucault can be defined as a skeptical. Maybe one of the greatest of our times. This definition is fair, since the French philosopher completely leaves the humanistic myth of a human essence and writes to strike against dogmatism and anthropologism. I intend, in this article, to show that the concept of liberty in Foucault finds support much more in this skepticism than in the idea of that, if we are historically constituted subjects, our freedom is restricted and limited. It is not about denying the historical constitution of the subject, but, starting from it, showing how liberty precisely for not being an abstract concept inserted in human nature, and yes, a possibility of being constructed, only finds the limits that we put on it. It's true that Foucault tried to show us historically how we let ourselves be taken for a wide variety of practices of subjection, but also it's true that he does that to warn us that things don't have to be this way. Still, we're going to see here that freedom is directly related with ethics and what are the implications of this.

Keywords: Liberty; Skepticism; Ethics.

Data de registro: 30/06/2012

Data de aceite: 05/09/2012